

O LUGAR DO SUJEITO NO SISTEMA SAUSSURIANO DE LÍNGUA.

Raquel Basílio UFPB

Da língua ao sujeito

“Assim o estruturalismo se constitui em filosofia comum a três ciências que postulam o inconsciente como lugar mesmo da verdade: a linguística geral, ao fazer a separação, com Saussure, entre a *língua* como objeto legítimo e a *fala* relegada ao não científico.” (DOSSE, p. 13, volume 1).

Na citação acima percebemos nas palavras de Dosse uma importante observação sobre a história do estruturalismo e sobre o que une a Linguística, a Antropologia e a Psicanálise. Dosse explica que o inconsciente faz o elo entre essas áreas do conhecimento. Podemos concordar com estas palavras ao pensar na língua como objeto escolhido por Saussure e definido como social. Por ter escolhido a língua como objeto sem fazer referência direta ao sujeito falante, Saussure, sem a intenção disso, fez a escolha pelo não-saber que é da ordem do social da língua, noção que se sustenta apenas a partir da noção de sistema em detrimento a visão dicotômica da língua.

Desse modo, falarei de modo resumido de três pontos: o caráter social da língua, o ponto de vista sistêmico e a teoria do valor linguístico. Veremos como esses três pontos nos permitem falar de sujeito a partir da teoria saussuriana e da noção lacaniana de sujeito. Inconsciente, sujeito, língua. O sujeito lacaniano está no que resta entre um significante e outro, e podemos perceber o sentido nesse mesmo lugar mesmo lugar, apesar de não ser confundido, o sentido aponta a existência do sujeito do inconsciente, que evanescente, ocupa o lugar de resto. De modo semelhante, em Saussure, podemos perceber uma permissão para o sujeito a partir da teoria do valor vista como lugar de geração de sentido.

1. Do social ao sistema

Não desconhecemos o fato de que toda a tradição dos estudos linguísticos aponta para Saussure como aquele que efetuou a exclusão do sujeito de seus estudos e conseqüentemente de estudos posteriores ao privilegiar a língua. Para Saussure era uma prioridade “*colocar-se primeiramente no terreno da língua*” (SAUSSURE, 1996, p. 16, grifo do autor). Esse gesto parece ter colocado em segundo a fala e, para alguns, parece efetuar a exclusão do sujeito falante.

Escolher a língua como objeto de estudo, sem dúvida, efetua um corte teórico metodológico que ao tomar a língua como sistema padrão de todos os sistemas semiológicos é, sem dúvida, escolher não falar do sujeito falante, ou da sua estreita relação com a língua que este ser humano recebe como uma herança das gerações anteriores, e por esta razão o ultrapassa e o funda ao mesmo tempo.

Antes de apontarmos um lugar para o sujeito do sistema saussuriano de língua iremos partir da característica social da língua. A característica social da língua é, aparentemente, muito importante para Saussure, ele diz: “Elemento tácito, que cria todo o resto; que a língua circula entre os homens, que ela é *social*.” (SAUSSURE, 2002, p. 86, grifo do autor). Ainda na edição de 1916 o professor enfatiza: “O “signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista (SAUSSURE, 1996, p. 25).

Na citação do parágrafo anterior observamos que o caráter social da língua é um elemento tácito que cria todo o resto, ou seja, todos os outros elementos da língua, já que é sobre eles que o professor escreve nesta passagem. Ao definir o que é social, Saussure define o social como aquilo que circula entre os homens, e a língua carrega essa necessidade, de circular, os signos existem em virtude da circulação entre os falantes.

O sistema linguístico é social, ou seja, é compartilhado, ao mesmo tempo, por muitos indivíduos que não criam o sistema, nada podem modificar sozinhos no sistema. Os indivíduos são destituídos de poder, por não ter consciência da língua, e por isso não podem dominá-la, mas ao contrário se acham inseridos em uma tradição por receberem a língua como uma herança das gerações anteriores a eles mesmos. Isso quer dizer que o sujeito não pode provocar uma revolução repentina na língua, nem tem o poder de criar um sistema de língua sozinho, pois o signo sempre escapa à vontade social, e à vontade individual do falante.

È desse ponto de vista que a língua como social está na ordem do não-saber da língua, repousa no fato de que os sujeitos falantes não têm a língua sob seu domínio, ela o ultrapassa porque é social, escapa, nas palavras de Saussure, pois eles nada sabem disso.

Desse modo, a característica social da língua exclui uma noção de sujeito que é senhor da língua, um sujeito cartesiano. Ao excluir a possibilidade de um diálogo com o sujeito cartesiano o que temos é um lugar vazio. Partimos da ideia que esta falta pode ser preenchida num movimento retroativo ao considerarmos a noção de sujeito do inconsciente, inaugurada por Lacan anos após a reflexão saussuriana ter sido publicada, como aquela que dialoga com a língua saussuriana.

O fato de a língua escapar ao falante, ao indivíduo permite pensar que a união dos signos não é natural, ou dependente de uma razão, mas ela é imotivada, ou seja, arbitrária. Desse modo, o individual não tem domínio total sobre esta união ao mesmo tempo em que ela é desse modo mais flexível, podendo ser modificada, ela escapa ao social também ao não ter uma rigidez que o vínculo natural talvez implicasse.

A característica imotivada do signo abre caminho para a noção de sistema ao dar sustentação à teoria do valor linguístico. Sobre isso Saussure escreve: “na associação que constitui o signo, não há nada, desde o primeiro momento, além de dois valores que existem um em virtude do outro (arbitrariedade do signo)” (SAUSSURE, 2002, p. 278, grifo do autor). Na edição de 1916 (SAUSSURE, 1996, p. 132), ele diz:

Por sua vez, a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade se faz necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.

Essa frase nos lembra o texto de 1916 quando diz: “os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário”. ((SAUSSURE, 1996, p. 132). – já corrigindo a inversão: “Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário”, conforme nos diz Tullio de Mauro (1995). Nessa relatividade dos valores baseada na arbitrariedade dos signos permite olharmos para a língua do ponto de vista do sistema.

Saussure nos diz que é o ponto de vista que cria o objeto, podemos dizer que o ponto de vista da arbitrariedade cria o sistema por permitir que nos desvencilhemos de outros conceitos de língua que supõem uma anterioridade de sentidos para a língua, quando, desse ponto de vista, o que temos é a apenas valores que só existem num “depois”.

2. Do sistema ao valor

A noção de sistema é o ponto central da reflexão saussuriana, noção que está exposta de modo mais pleno na teoria do valor linguístico. Podemos dizer que quando falamos de valor estamos falando dos movimentos do sistema e da geração de valores. Saussure nos diz que “o sistema nunca é mais que momentâneo” (SAUSSURE, 1996, p. 104), pois os valores são momentâneos, valem no momento que circulam entre os falantes e não tem existência fora desse momento.

Evidente que a característica arbitrária, como observamos, leva o sistema a ter valores momentâneos porque eles só existem em relação aos outros valores, eles não são positivos, mas se definem pela via do não, um valor define-se pela oposição que ele toma diante de todo o sistema, pela via da negatividade apenas.

Os valores são apresentados por meio de um funcionamento específico, um sistema que tem mecanismos de funcionamento. Podemos que estes mecanismos são dialéticos, ou seja, as relações associativas e sintagmáticas funcionam de modo que se assemelha a uma dialética porque, apesar de opostas funcionam numa relação de interdependência que impede que possamos apresentar uma separação radical

entre estes dois mecanismos. Cada uma dessas relações, em funcionamento dialético, produz certa ordem de valores, nas palavras de Saussure: “as relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores” (SAUSSURE, 1996, p. 142).

Bouquet (2002) aponta para a teoria do valor como uma teoria semântica, é nessa perspectiva que olhamos para o valor linguístico. O ponto de encontro entre a diferença e a semelhança gera o sentido, ou o que Bouquet (2002) denominou de fato semântico, sem esse nó não há sentido algum. As relações associativas e sintagmáticas ocorrem ao mesmo tempo produzindo o fato semântico.

A impossibilidade de separar esses dois eixos é enfatizada pelo professor genebrino nas notas preparatórias para o terceiro curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2002, p. 289, grifo do autor):

É próprio do *valor* relacionar essas duas coisas. Ele as relaciona de um modo que chega a desesperar o espírito pela impossibilidade de se investigar se essas suas faces do valor diferem por ele ou em quê. A única coisa indiscutível é que o valor existente nesses dois eixos é determinado segundo esses dois eixos concomitantemente.

Essas duas relações existindo “concomitantemente” oferecem à língua a natureza sistêmica que este objeto apresenta. Um sistema dialético que gera valores, ou seja, produz sentido onde antes não existia, pois a língua da reflexão saussuriana é uma “*forma e não uma substância*” (SAUSSURE, 1996, p.131, grifo do autor). Desse modo, a noção de sistema está estreitamente ligada à teoria de valor, sendo seu ponto central. O professor apresenta as relações como um “duplo ponto de vista” (SAUSSURE, 1996, p. 143), o sintagma e as relações associativas. Estes dois agrupamentos são baseados em diferentes princípios da teoria do valor linguístico, o professor nos afirma que “na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos” (SAUSSURE, 1996, p. 149), é exatamente por isso que a teoria do valor é o ponto cardeal da reflexão saussuriana.

Nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha. Quando alguém diz *vamos!*, pensa inconscientemente em diversos grupos de associação em cuja interseção se encontra o sintagma *vamos!* Este figura, por um lado, na série *vai! vão!*, e é a oposição de *vamos!* com essas formas que determina a escolha; por outro lado, *vamos!* evoca a série *subamos! comamos!* etc., cujo interior é escolhida pelo mesmo procedimento; em cada série, sabemos que é mister variar para obter a diferenciação própria unidade buscada. Muda-se a ideia a exprimir, e outras oposições serão necessárias para fazer aparecer um outro valor; diremos por exemplo *vão!* ou *subamos!* (SAUSSURE, 1996, p. 151).

A pergunta que nos resta é: como podemos pensar que o valor linguístico, como lugar do sentido na reflexão de saussuriana, oferece um lugar para um diálogo com o sujeito?

3. Do valor ao sujeito

O texto de 1916 apresenta para os leitores a seguinte frase: “É próprio da fala a liberdade das combinações” (SAUSSURE, 1996, p. 144). A frase parece apontar para um sujeito falante consciente de suas escolhas, senhor daquilo que diz, o ‘eu’ que fala. O sintagma, aproximado a noção de frase, carregaria o conceito de sujeito falante da língua que tem um domínio do que diz, ou mesmo da própria língua? Em notas escritas antes de 1900 Saussure afirma: “a frase é comparável à atividade do compositor de música e não à do executante” (SAUSSURE, 2002, p. 86). Isto reitera essa aparência de um sujeito falante que exerce um controle da sua fala.

Mas essa liberdade nunca é completa e podemos até mesmo dizer que a ideia de um falante que é senhor de sua fala é ilusão, uma impressão evanescente. A liberdade que se oferece ao sujeito de realizar combinações diversas, de compor a frase, é limitada sempre pelo social, pelos valores já existentes no sistema. O social protege o sistema do “retalhamento” que a força particularista, ou seja, individual, causaria no sistema, porém, ao mesmo tempo, o social sozinho imobilizaria a língua, desaparecendo assim toda a

renovação linguística. O social age de dois modos ele conserva a línguas e ele torna possível a mudança que se origina na liberdade parcial que o sujeito falante exerce. Ao falar da força do intercurso como uma força social presente na língua podemos ler (SAUSSURE, 1996, p. 239):

É ao intercurso que se deve a extensão e a coesão de uma língua. Ele age de duas maneiras: quer negativamente, impedindo o retalhamento dialetal ao sufocar uma inovação no momento em que surge em algum ponto, quer positivamente, favorecendo a unidade ao aceitar e propagar tal inovação.

Lembremos que os princípios da teoria do valor são: as diferenças e as semelhanças. O sujeito parece se apresentar de modos diferentes no sintagma e no paradigma. No sintagma o texto de 1916 faz referência nas seguintes palavras: “toda diferença ideal é percebida pelo espírito” (SAUSSURE, 1996, p. 140); ou seja, as diferenças que compõe um sintagma são percebidas por um sujeito, ou espírito, que opera ao fazer elo entre as diferenças sintagmáticas e reuni-las num sentido qualquer.

Ainda podemos ler nos texto de 1916 sobre os sintagmas: “é-se induzido a neles abstrações imateriais planando acima dos termos da frase” (SAUSSURE, 1996, p. 162), assim, as relações associativas são descritas em sua íntima relação com o sintagma. Segundo Fher (2000:153) por as relações associativas não estarem na linearidade, mas “na memória”, seriam inegavelmente relacionadas ao sujeito. Importante percebermos que, como as relações associativas são mecanismos da língua, mecanismo indispensável para a vida da língua, a memória dos sujeitos é indispensável para a descrição da língua. Porém não podemos limitar esta relação as relações associativas por lembramos que se tratam de duas relações que existem uma em virtude da outra e que a separação é sempre uma abstração teórica. Assim, ao pensarmos em sujeito e língua estamos pensando nessa relação ocorrendo tanto nas associações realizadas na memória do falante como nos sintagmas compostos.

Nas associações surgem mudanças que irão emergir no sintagma, e esta escapa à vontade consciente do sujeito que fala. Essas relações surgem no texto de 1916 como um recurso do sujeito, leiamos (SAUSSURE, 1996, p. 143, grifo do autor):

Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, reseigner, etc.* ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo de comum entre si.

Vê-se que essas duas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos *relações associativas*.

A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.

Dessa forma o que surge no sintagma “fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras”. A diferença entre os dois agrupamentos está em que as relações associativas existem apenas virtualmente na mente dos indivíduos, enquanto as relações sintagmáticas existem espacialmente, localizada na fala, ou melhor, no discurso.

Nesse capítulo do CLG “Mecanismo da língua” o professor apresenta aos seus alunos que o mecanismo da língua depende de uma fixação e de uma escolha que o sujeito realiza. No exemplo tirado do texto temos: “ no momento que anunciamos a frase “que *lhe* disse?” [...] fazemos variar um elemento sintagmático latente [...] e é por isso que nossa escolha se fixa no pronome *lhe*” (SAUSSURE, 1996, p. 151). Na base desse mecanismo encontramos o sujeito que coloca os mecanismos da língua em funcionamento. Leiamos (SAUSSURE, 1996, p. 145):

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam.

O exemplo da citação acima que o professor nos oferece é o seguinte (SAUSSURE, 2002, p. 163):

Para criar $\theta\eta\rho\epsilon\sigma\sigma\iota$ era preciso um modelo; ora, naturalmente, esse modelo devia ser muito conhecido de quem lançou o neologismo; isso quer dizer que o fato se passou entre formas as mais contemporâneas, já que a associação se fez no cérebro do mesmo indivíduo, e que bastou um quarto de segundo para ir de $\beta\epsilon\lambda\text{-}\epsilon\sigma\sigma\iota$ a $\theta\eta\rho\text{-}\epsilon\sigma\sigma\iota$.

Saussure apresenta o mecanismo da língua como concurso das relações sintagmáticas e das relações associativas. O sujeito surge de modo inconsciente nas relações associativas, ou seja, sem ter conhecimento disso, numa relação de não-saber sobre a língua e sobre o que fazer na língua. Por isso Saussure insiste no fato de que a língua escapa à vontade (SAUSSURE, 2002, p. 87):

Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, de espírito descansado, formas novas (por ex. calmamente []) que ele se proponha (prometa) a “colocar” em seu próximo discurso. Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva.

Apesar de estudiosos como Fher (2000) retirar o sujeito das relações sintagmáticas a interdependência entre esses dois mecanismos anula tal possibilidade. O que podemos observar é que o sujeito surge de modo diferente em cada mecanismo, ou melhor, podemos observar o sujeito de pontos de vistas diferentes. No sintagma, limitado pelo fato social e que por sua vez limita as associações realizadas na mente de cada um, é ao mesmo tempo o lugar onde o sujeito surge, irrompendo o sintagma, onde as criações aparecem, e também é exatamente no sintagma que o sujeito determina o valor diferencial dos termos que usa. O sujeito percebe as diferenças, ou seja, os valores criados pelo fato social e os coloca em uma relação específica dentro de um sintagma, gerando o valor a partir do fato sintagmático. Leiamos (SAUSSURE, 2002, p. 80, grifo do autor):

Os fenômenos de *integração* ou de pós-meditação-reflexão é o fenômeno duplo que resume toda a vida ativa da linguagem e pelo qual:

1° os signos existentes evocam MECANICAMENTE, pelo simples fato de sua presença e do estado sempre acidental de suas DIFERENÇAS a cada momento da língua, um número igual não de conceitos, mas de *valores opostos por nosso espírito*.

Desse modo a perspectiva sistêmica permite-nos ver o sujeito na estrutura da língua, especificamente na teoria do valor linguístico, no mesmo lugar onde podemos observar a geração de sentido. As relações sincrônicas do sistema, associativas e sintagmáticas, repousam no caráter duplo do valor e são adequadamente descritas por meio da discreta presença do sujeito que só pode ser realmente percebida por meio da perspectiva sistêmica do sistema da língua, pois ela não está desvinculada do social, mas a presença do sujeito tem uma relação específica com o social.

O sistema de língua e o sujeito do inconsciente

Iniciamos este diálogo com uma pequena observação de Dosse sobre como o inconsciente laciano realiza o papel de elo entre as disciplinas Estruturalistas. Não podemos deixar de nos perguntar como a reflexão saussuriana da língua como instituição social pode apresentar relação com a noção laciana de sujeito do inconsciente, algo tão particular.

Observamos nas linhas acima três pontos da teoria de Saussure, o social, o sistema e o valor. Este é um caminho simples e resumido para chegarmos a um diálogo com o inconsciente. Lacan nos disse em 1966 que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Ao dizer isso ele não estava promovendo uma união entre a Linguística e a Psicanálise, mas promovendo um diálogo por meio do que está colocado diante dessas duas disciplinas: a língua, a linguagem e o sujeito.

Ao pensarmos a língua como social, como aquela que escapa à vontade, que não pode ser controlada ou contida por um indivíduo, podemos perceber que é por nada saber da língua que os falantes podem falar. O social está na via do não-saber. É exatamente por não falar do sujeito falante que o professor genebrino abre portas para que Lacan, num segundo tempo, possa usar a língua como sistema para dizer do sujeito do inconsciente.

A noção de sujeito apresentada por Lacan não pode ser confundida com a noção de um sujeito cartesiano. O sujeito do inconsciente não é uma substância, uma positividade, não é um indivíduo, mas o que há de mais particular neste indivíduo, que escapa à sua vontade consciente. Por esta razão o sujeito é evanescente, só surge quando a língua tropeça na fala de um indivíduo, quando o sentido produzido ultrapassa à vontade e ao invés de falar o falante é falado por sua língua, nos tornando seres de linguagem. Desse modo é enunciado mais do que se desejava conscientemente, e é desse modo que o desejo do Outro é indicado nessa fala.

A língua como sistema que produz sentido, mas não os tem de modo preparado anteriormente é um alicerce seguro para a teorização lacaniana do sujeito do inconsciente. Isto é evidente, o próprio Lacan ensina aos seus alunos o valor dos estudos linguísticos.

Mas podemos nos perguntar como a noção do inconsciente está colocada para a Linguística como Dosse parece supor? Podemos concluir brevemente com a indicação de que apesar do sujeito ser um limite epistemológico para os estudos linguísticos pode-se dizer que onde resta um lugar vazio na reflexão de Saussure sobre a língua há a possibilidade de pensar um sujeito em relação à teoria do valor, e a noção de sujeito que podemos chamar a este diálogo é a noção de sujeito do inconsciente. Esta é uma conclusão breve que apenas aponta um caminho para um diálogo nos momentos em que a língua aponta para algo que escapa a ela mesma, ao próprio sistema de valores, e desse modo, aponta para o diálogo com o inconsciente, como Dosse (2007) sublinha.

Referências Bibliográficas

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

DE MAURO, Tullio. Notas. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. 4. ed. Paris: Payot, 1995.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo: o campo do signo*. Volume 1. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.

FEHR, Johannes. *Saussure entre Linguistique et Sémiologie*. Traduzido do alemão por Pierre Caussat. Paris: Presse Universitaires de Franc – PUF, 2000.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolfo Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.